



## LETRAMENTO DE TRABALHADORES MIGRANTES – FETICHISMOS<sup>1</sup> EM NOTAS

Jackson Vital Souto<sup>2</sup>

SEDEC/PMJP

[geografandosouto@gmail.com](mailto:geografandosouto@gmail.com)

**RESUMO:** Por que estudar as transformações na educação e no mundo do trabalho migrante? O objetivo foi descrever os nexos do trabalho, limites e possibilidades que o letramento, mediado pelo fetiche da mercadoria, reproduz socialmente. Contradições como: concentração privada e capitalista da terra, expansão da vida e do trabalho precarizados; a escola e a formação técnica para o mercado de trabalho e a reprodução da mobilidade espacial forçada de trabalhadores migrantes. O recorte, a escala do município de Santana dos Garrotes, mesorregião do sertão da Paraíba, Nordeste do Brasil. Como operamos e como estamos? Revisão bibliográfica, observação direta com uso de cadernetas de campo, aplicação de questionário e uso de entrevistas semiestruturadas somados ao trabalho educativo em sala de aula.

Palavras Chaves: Educação, Fetiche, Migração.

GT 1 – Educação Geográfica e as Políticas atuais para a formação docente

### Introdução

Nosso estudo relaciona trabalho migrante e processos de formação humana mediados pelo fetiche. Compreender a natureza e função social bem como os limites e possibilidades do letramento dos trabalhadores migrantes nos diferentes espaços frente à reprodução social de mobilidades socioespaciais. O desafio tornou-se consequente diante à difusão do ideário

---

<sup>1</sup>Por fetichismo aquilo que caracteriza os objetos materiais dominados por relações sociais, mas que aparecem como se lhes pertencessem naturalmente. Essa síndrome, que impregna a produção capitalista, denominada fetichismo da mercadoria enquanto repositório ou portadora do Valor não é natural, mas social e constituem forças reais, não controladas pelos seres humanos e que, na verdade, exercem controle sobre eles; são as “formas de aparência” objetivas das relações econômicas que definem o capitalismo (Dicionário do pensamento marxista, 2012, p. 221).

<sup>2</sup>Professor da rede pública de ensino e doutorando em Geografia na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, área de concentração Território, Trabalho e Ambiente e linha de pesquisa Educação Geográfica com orientação do Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Carlos Augusto Amorim Cardoso.



reproduzido nos mundos do trabalho e no domínio da educação escolar hegemonizado pelas classes dominantes tais como: meritocracia e competências; educação continuada de jovens e adultos; ascensão social pelo acesso ao conhecimento científico superior e qualificação contínua como passaporte para empregabilidade.

São discursos mediados pelo fetiche da mercadoria reproduzidos no mundo do trabalho e nos espaços de mobilidade em que o processo de letramento se concretiza. É preciso suprimir as diferenças e interesses difusos das classes sociais pautados que estão na reprodução social e política do consentimento e apassivamento das consciências. Estão na contramão da práxis pedagógica que relaciona, dialeticamente, habilidades aos conhecimentos científicos (Freitas e Caldart, 2017).

O momento parece-nos conseqüente colocar-nos desafios com o fim de romper o estático e lançar no movimento diferentes geografias: acadêmicas, escolar e social; trabalho, campo e cidade. Nesse sentido como construir o diálogo, mediado pelo fetiche da mercadoria, de diferentes formas de conhecimentos, produto de diferentes espaços e tempos no campo e nas cidades, que reflita uma ciência a serviço dos trabalhadores migrantes sem cruzar as fronteiras disciplinares?

Póvoa Neto e Ferreira (2014) nos interpelam a pensar cruzando fronteiras o que exige construir um conjunto de perguntas: quais são os complexos de determinações, mediações e nexos possíveis entre os mundos do trabalho e os processos mais amplos de formação e letramento humanos? Que conjunto espacial de contradições coloca em movimento a natureza e desenvolvimento social dos trabalhadores migrantes? Por que contraditoriamente o número de trabalhadores migrantes, após longos períodos de abandono e evasão escolar, retoma o estudo escolar? A tese burguesa da meritocracia, competência e qualificação continuada mediada pelo conhecimento científico é relevante para o mercado de trabalho no Brasil? O que explica o fechamento de escolas rurais e a reprodução histórica de práticas



educativas e letramento escolar descolados da dimensão do trabalho e da reprodução social entre os trabalhadores migrantes?

São provocações que não temos pretensões de responder neste formato, mas que estão postas e a indicar a relevância e a centralidade do trabalho e seus nexos com os processos de letramento nos mais diversos espaços (cidades/campo/escolas/moradia). Como recordam os autores é preciso desenredar a intrincada teia de condições e consequências em que elas, as práticas espaciais, estão envolvidas: de mostrar como práticas e processos se unem e entram em conflito em conjuntos de ações e reações nos lugares e pelo espaço (Gregory, 1996, p. 94).

Para nós está claro, apesar dos limites, que a história da geografia ao potencializar a produção de mobilidades em diferentes espaços sociais, mesmo que sob fetiche da mercadoria, a partir da naturalização da sociedade e da realidade serviu e serve a interesses econômicos e ao fortalecimento do Estado e da educação burguesa, muito embora contraditoriamente a teoria social foi (e continua sendo) um meio vital de dissenso: ajudou a questionar a “trivialidade” dessas representações supostamente objetivas e desinteressadas do mundo (Idem, p. 101).

Antes da exposição de achados de pesquisa o caminho percorrido resultou da convivência cotidiana em sala de aula paralela ao trabalho exploratório de campo, observações e reuniões em coletivos sindical e partidário. Metodologicamente combinamos a pesquisa documental-bibliográfica à descrição exploratória tendo como fundamentos teóricos o campo histórico da geografia crítica e dialética marxiana. Entrevistamos 69 trabalhadores (as) do campo em oito povoados e um distrito cuja roça principal é o arroz vermelho combinado a uma diversidade de sistemas de produção e de criação bovina. Dialogamos com 8 diferentes presidentes de Associações de trabalhadores rurais além de duas frentes sindicais em atuação no município de Santana dos Garrotes, Estado da Paraíba. Breve revisão teórica



parece consequente diante da fragmentação positivista do conhecimento científico.

### **Desenvolvimento**

Historicamente a dinâmica de classes estabeleceu formações sociais pautadas em estruturas econômicas desiguais, permeadas por contradições. Relações de dominação/opressão e de cooperação se apresentam em diversas escalas: classes, nações, regiões e mundial. A produção da relação social capital presume seu contrário, sua negação, a (re) produção socioespacial do trabalho. No entanto historicamente a (re) produção social do trabalho no Brasil especialmente no Sertão do Nordeste desenvolveu-se sobre especificidades dentre elas as múltiplas formas e dinâmicas migratórias como observa os autores:

O Estado do Maranhão perdeu importância como absorvedor de migrantes, [...]. Essas mudanças afetaram o volume de migração intrarregional no Nordeste, havendo, no período entre 1950 e 1970, crescimento da migração interregional. Nesse período 5,7 milhões de pessoas deixaram a área rural do Nordeste, [...](MOURA, 1980, p.1044).[...] Apesar da importância crescente das migrações interregionais em direção ao Sudeste, os fluxos migratórios rurais-urbanos intrarregionais continuaram sendo o tipo mais expressivo na região Nordeste na década de 1960. *No entanto, os Estados da Paraíba e Bahia foram exceção a essa regra, apresentando migração para fora da região Nordeste mais significativa do que dentro da própria região*<sup>3</sup>. (MENEZES e SATURNINO, 2007, p. 233)

Diante da complexa trama histórica que assumiu as migrações, suas origens, natureza e função social as tensões entre o partir e o ficar, tendências e contratendências da mobilidade espacial do trabalho e do capital é que recortamos a partir de 1970, período caracterizado pelo “milagre brasileiro”, quando o desenvolvimento esteve marcado por crises e consequente movimento de tensões e contradições sociais. Essas afetaram as condições de emprego, de realização do trabalho, ampliaram fluxos migratórios do campo para as cidades, intra e interregionais além de mudanças profundas nas relações de trabalho o que reforça a tese das consequências negativas para os

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.



trabalhadores do campo e das cidades, produto da reestruturação produtiva e do mundo do trabalho (Harvey, 2009).

Novos níveis de concorrência, crise do sistema de acumulação e expansão das novas configurações do trabalho no centro do sistema capitalista repercutiram fortemente em mercados de trabalho e de consumo na periferia do sistema como o Brasil, especialmente na região Nordeste. Expandiu-se desigualmente nas cidades e no campo um novo padrão de organização e gestão do trabalho sob o discurso vigoroso da modernização e progresso. Como consequência novos limites à natureza e a sociedade foram impostos: degrada-se a vida e a natureza, precarização, expansão da superexploração da força de trabalho e aumento dos níveis de desemprego. O valor passa a realizar-se em novos patamares de acumulação.

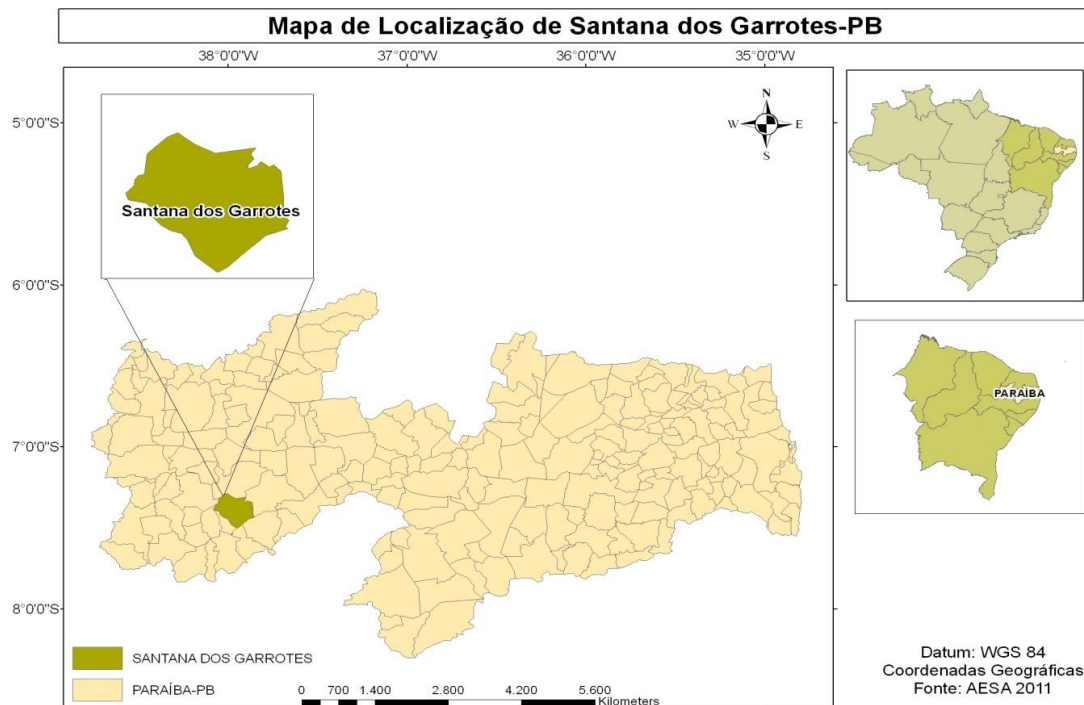
A guinada da acumulação flexível a partir de 1970 refletiu mudanças, rearranjos e transformações na divisão do trabalho especialmente na reorganização e aprofundamento das condições de reprodução da divisão internacional do trabalho. O rearranjo das classes hegemônicas na escala mundial fez com que parte das conquistas sociais e dos direitos históricos dos trabalhadores dos séculos XIX e XX na Europa fosse parcialmente derrotado. Na periferia do sistema as conquistas estiveram longe de garantir bem-estar e as derrotas foram mais sentidas a partir de 1990, quando o “novo” regime de acumulação chegou com mais intensidade e rearticulou capitais internacionais à frações do capital nacional diante da tendência histórica da queda nas taxas de lucros e os processos, entrecortados pelo fetichismo, de dominação ideológica garantidores do sistema mas, sobretudo, da ordem social vigente.

No espaço do campo projetos e programas desenvolvidos pelo Estado como o Programa Nacional do Álcool - Proálcool, política pública que fortaleceu a concentração e centralizou o capital agroindustrial em torno da principal região industrializada do Brasil, a cidade de São Paulo reforçou a expansão do capital e seu aparato tecnológico exigindo força de trabalho qualificada. Como lembra-nos os autores,



Essa reestruturação do setor sucroalcooleiro no interior paulista favoreceu um redirecionamento das correntes migratórias do Estado da Paraíba. Dessa forma, além da clássica migração para regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e das migrações sazonais do agreste e do brejo Paraibano para as usinas da Zona da Mata na Paraíba e no Estado de Pernambuco, *as migrações sazonais do Sertão Paraibano para a região canavieira de São Paulo começaram a ter visibilidade e a ganhar importância desde meados da década de 1990.* (MENEZES e SATURNINO, 2007, p. 237).

Assim o processo contínuo de mobilizar as forças de trabalho é simultaneamente o movimento que garante a constante da máxima produtividade, já que são jovens com baixa escolaridade, enquanto na região de origem dos migrantes a acumulação primitiva e das terras participa no movimento total do capital sobre o trabalho. Abaixo o mapa de localização da pesquisa com o município de Santana dos Garrotes- Sertão da Paraíba, localizado:



Fonte: AESA, 2011. Elaborado por Girlân Candido.



No entanto o movimento contraditório do capital respondeu simultaneamente com aumento da produtividade do trabalho, expansão da dinâmica migratória e avanço dos processos formais de educação nas cidades e no campo. A educação formal de alfabetização escolar e o ideal tecnológico e urbano são entrecruzados pelo discurso ideológico da mobilidade socioespacial com a escola no centro da reprodução social. Esse aparato ideológico atende demandas do mercado de trabalho e adquiriu estatuto legal obrigatório para os trabalhadores. Universalizar o acesso, combater o analfabetismo e disciplinar a sociedade via educação e letramento escolar são necessidades que compete ao Estado, garantia de controle social pela reprodução de consentimento, apassivamento, coesão e pertencimento das forças sociais em luta.

### **Educação e Consumo – Mobilidade Espacial Sob Fetiche?**

Se a geografia que se ensina serve à dominação com a escola formal e burguesa no centro da educação, assumindo o caráter de classe, o período pós 1990, a produção de conhecimento na geografia foi marcada por retrocessos nas lutas e na organização dos trabalhadores. Embora a conjuntura e o contexto social desfavoráveis, de arrefecimento, conciliação de classes, contraditoriamente, foi o período de reposição, retomada e fortalecimento dos debates teóricos e consequências práticas espaciais na dinâmica das classes sociais.

Como pensar uma geografia da mobilidade espacial consequente socialmente diante do fetiche, da reificação das mercadorias e da coisificação humana? Se estivermos corretos a resposta está em cruzar as fronteiras e construir diálogos entre o domínio da geografia com outras ciências sociais e ao da filosofia, seu ensino, métodos, metodologias e os resultados na (re) produção do conhecimento científico. Apesar dos riscos em tempos de “salada” pós-moderna e de perda de referenciais universais é a totalidade social em movimento contraditório, nossa preocupação.



Há autores que repõem o espaço nos discursos contraditórios com o fim de ponderar a *organização da vida social, tornar inteligíveis as práticas sociais e intervir em sua conduta e consequências*<sup>4</sup> (Gregory, 1996, p. 91). O cruzamento de fronteiras disciplinares exige de nossas práticas ação interesalar com o lugar, o território e o espaço adquirindo abrangência sem representar as migrações e mudanças na localização espacial apenas reflexos, mas constituintes da importante condição dentro das quais se constroem as redefinições e se travam os conflitos constituintes da dinâmica social Neto e Ferreira (2014, p. 10).

A “caminhada no chão da noite”<sup>5</sup> da geografia escolar brasileira esteve e está permeada por crises e debates às vezes “homéricos”. Como recorda a autora, a evolução do pensamento respondeu a dinâmica social que rompe e possibilita avanços focados em temáticas diversas o que:

[...] significou para o campo científico e educacional a ampliação e consolidação de diferentes referenciais interpretativos da realidade, que se revelavam mais complexos que aqueles modelos macro de análise, fundados nas chamadas “metanarrativas”. Abriam-se, assim possibilidades para a inclusão no cenário acadêmico de reflexões e propostas de leitura da realidade pós-modernas e pós estruturalistas. [...] Essa área ganhou espaço acadêmico, profundidade teórica, amplitude temática. A pesquisa passou a focar temas diversificados e a sugerir abordagens, [...]. (CAVALCANTI, 2016, p. 405).

A geografia que se ensina enquanto teoria social que potencializa a intervenção na realidade espacial não esteve imune aos efeitos da divisão do trabalho e ganhou autonomia como aparato científico positivo, a serviço das classes dominantes. Neste sentido o avanço da divisão do trabalho que apartou conhecimento científico, educação teórica e praticas produtivas espaciais, são produtos da condição de mobilidade socioespacial. Expulsou

<sup>4</sup> Grifos nossos para o sentido que assume as praticas no espaço, seus limites e consequências. A prática em sala de aula na escola, a prática nos sindicatos, as intervenções acadêmicas ou não.

<sup>5</sup> Obra de José de Souza Martins que reflete a condição social, de vida e de trabalho dos camponeses, suas lutas, conquistas e derrotas.





trabalhadores do campo em processos de migração forçada como observado nos dados oficiais do município na tabela abaixo.

A redução contínua da população rural evidencia uma estrutura agrária concentrada e a mobilidade socioespacial institucionalizada. Com uma população total de 7.266, sendo rural 3.530, e urbana 3.736, sua extensão territorial é de 354 Km<sup>2</sup>, densidade demográfica em torno de 20,54 hab/Km<sup>2</sup>. A sede municipal está localizada nos quadrantes 37.98° de longitude e 7.38° de latitude, especificamente na porção sudoeste do Estado da Paraíba. O quadro abaixo nos permite uma rápida observação acerca da evolução da população, conforme IBGE (2010):

**Tabela 1 – População residente no município de Santana dos Garrotes**

<b>População</b>	<b>Total (hab.)</b>	<b>Rural (hab.)</b>
Censo 1991	8.064	5.643
Censo 2000	7.882	4.210
Censo 2010	7.266	3.530

Fonte: [www.ibge.gov.br/cidadessat/painel.php.Resultados do Censo 2010](http://www.ibge.gov.br/cidadessat/painel.php.Resultados%20do%20Censo%202010).  
Organizado por Jackson Souto, 2017.

Embora de clima semiárido e vegetação xerófita típica de caatinga o município de Santana dos Garrotes está localizado próximo à bacia do Rio Piancó e seus afluentes como o rio Gravatá faz da cultura do arroz da terra parte da chamada “roça principal” combinado a sistemas intensivos de criação de gado, em regime de minifúndios.

Não á toa quando indagamos ao conjunto dos trabalhadores migrantes do município de Santana dos Garrotes e às lideranças sindicais a respeito do papel da migração, seus limites na organização dos trabalhadores à afirmativa foi unanime no sentido do esvaziamento das lutas. Assim a mobilidade socioespacial não apenas é útil ao capital ao ampliar a produtividade do trabalho no destino, cumpre a função de controle social, amplia o fechamento de escolas rurais estaduais e municipais e reforça o discurso do fetiche do consumo de mercadorias na reprodução da mobilidade socioespacial. Os



relatos de falta de professores e estrutura adequada das escolas rurais acentuam a importância e o acesso que a educação escolar cumpre como requisitos à qualificação e competência exigidos pelo mercado de trabalho aos trabalhadores migrantes.

Nesse momento parece consequente uma indagação: qual a natureza ideológica do discurso da qualificação, meritocracia e competência da força de trabalho para o mercado? Para nós a contradição da qualificação para o emprego do trabalhador migrante de baixa escolaridade ocorre por conta dos custos da educação da classe trabalhadora.

Vale observar que o pressuposto da educação socialista, fundado nas lutas coletivas dos trabalhadores em movimento, o ensino gratuito e obrigatório foi uma bandeira de luta que tinha o fim de delimitar o trabalho das crianças, adolescentes e mulheres com a preocupação de introduzir uma nova prática pedagógica e de ensino que unisse trabalho manual ao intelectual (Marx e Engels, 2004). Os autores estavam conscientes também da incapacidade burguesa em resolver os problemas colocados e da exclusiva capacidade do proletariado para levá-los a bom termo. Nesse sentido conforme destaca,

[...], quanto menor for o tempo de formação profissional exigido por um trabalho, menos será o custo de produção do operário e mais baixo será o preço de seu trabalho, de seu salário. [...] Eis a razão por que o preço de seu trabalho será determinado pelo preço dos meios de subsistência necessários. (K. Marx, Trabalho Assalariado e Capital, II; *In*: Marx e Engels, 2004, p. 89).

Nos Manuscritos econômicos e filosóficos de 1848, Marx destaca que “[...] as grandes cidades industriais perderiam, em pouco tempo, a sua população de trabalhadores, se não recebessem a cada instante dos campos vizinhos recrutamentos contínuos de homens sadios, de sangue novo” (MARX, 2006, p. 38). Nesse sentido a mobilidade socioespacial não é apenas reflexo, sobretudo, condição para a reprodução social da ordem do capital.

Ao estudar grupos sociais de adultos não alfabetizados em sociedades letradas a autora destaca que o processo de letramento vai além da aquisição



da escrita e da leitura para focalizar aspectos sociais, mais amplos e que historicamente parte das razões do fracasso escolar:

[...] dessa população, que é primariamente originária da zona rural, mostra um fracasso correspondente das políticas governamentais e dos programas de alfabetização implantados como medida de emergência para diminuir o índice de analfabetismo no Brasil (como o Mobral, por exemplo) [...] (TFOUNI, 2006, p. 18).

Citando as contribuições do debate escrita e oralidade, próxima que está aos estudos de análise do discurso com a centralidade na política, a autora segue afirmando que não há inocência nem neutralidade nas práticas de letramento e o seu caráter transformador esbarra no limite da política. Lembra-nos que a possibilidade de se emancipar das situações particulares está na raiz do eixo que sempre ligou de modo inextricável escrita e poder Ginzburg (1987) apud Tfouni (2006, p. 22).

Observamos que para efeito de organização dos trabalhadores, quando indagamos o presidente da Associação de Trabalhadores de Pitombeira a respeito das consequências da instituição da migração a resposta da liderança dá o tom da função social que a divisão e hiperespecialização dos trabalhadores rurais migrantes concretamente vivem anualmente:

Os mais comuns são pedreiros, carpinteiros e diversas outras coisas como também a questão de trabalhar de camelo, trabalhar por conta própria. Também no corte de cana ocorre. Pra ser verdade ela desestabiliza um pouco por que a pessoa nem fica lá e nem fica cá e fica essa “fagancia<sup>6</sup>”. Não contribui assim de certa maneira muito positiva. Era pra ser na realidade a fixação dessas pessoas ou desses associados e dessas famílias aqui na própria comunidade para que ela não precisasse sair lá pra fora (JOÃO ALEXANDRE, DISTRITO DE PITOMBEIRA, 2012).

### **Por que não concluir?**

Em razão da evolução do desenvolvimento não ocorrer de forma homogênea e promover grande diferenciação social e econômica entre os trabalhadores do campo a mobilidade socioespacial, natureza contraditória do capitalismo, é funcional e responde à diferenciação socioespacial.

---

<sup>6</sup> Fagancia no sentido de esvaziamento das lutas.



Os sentidos concretos das mudanças revelam maior precarização das condições de vida e de trabalho entre os trabalhadores migrantes e aqueles que na mobilidade socioespacial reproduzem-se. A possibilidade de fracasso na organização coletiva dos trabalhadores no campo de Santana dos Garrotes é concreta e deve-se ao exercício da dominação do capital sobre o trabalho medido na acumulação regulada por tendência de taxas de lucro menores na agricultura e por outro lado pelas conquistas que a luta de classe produz. Se na composição orgânica do capital participam capital variável e fixo, trabalho vivo e trabalho morto, quanto maior for o número de trabalhadores expropriados, fragmentados, desterritorializados e sem meios de produção menores serão os salários e o custo de produção para o capital desembolsar.

### **Bibliografia**

CAVALCANTI, Lana de Souza. Para onde estão indo as investigações sobre o ensino de geografia no Brasil? **Boletim Goiano de Geografia (On Line)**. Goiânia, v. 36, nº3, p. 399-419, set/dez. 2016.

FREITAS, Luiz Carlos de; CALDART, Roseli Salete (Orgs). **A construção da pedagogia socialista: escritos selecionados**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

GREGORY, Derek. **Teoria Social e Geografia Humana**. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Orgs.). *Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MENEZES, Marilda Aparecida de; SATURNINO, Marcelo. **As migrações sazonais do sertão paraibano para as usinas canavieiras de São Paulo**. In:

PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados em uma sociedade letrada**. São Paulo: Cortez, 2006.